A ACADEMIA EM EXAME

(*O Estado de São Paulo*, 22 de junho de 1999)

Pesquisa inédita realizada em 14 países revela que professores universitários veem profissão com otimismo, mas queixam-se dos salários; brasileiros consideram-se influentes na opinião pública

CRISTIANE SEGATTO

Otimismo surpreendente desponta no ambiente acadêmico. O primeiro estudo comparativo sobre as aspirações de professores universitários de 14 países indica que mais de 60% deles acreditam viver um momento especialmente criativo, em meio a boa atmosfera intelectual e com chances de investir em suas próprias ideias. A maioria dos profissionais voltaria a escolher a atividade acadêmica caso tivesse a chance de iniciar novamente a carreira. Baixos salários, porém, ainda representam uma queixa generalizada

Coordenada pela Carnegie Foundation — instituição americana dedicada a análise sobre o ensino —, a pesquisa foi aplicada a algumas nações que possuem sistemas universitários bem desenvolvidos: Austrália, Brasil, Chile, Inglaterra, Alemanha, Hong Kong. Israel, Japão, Coréia, México, Holanda, Rússia, Suécia e Estados Unidos,

O relatório recém-divulgado nasceu da compilação de 20 mil questionários respondidos entre 1991 e 1993. Cada documento continha 200 itens que exigiam cerca de uma hora para ser preenchidos.

No Brasil, foram selecionados mil profissionais de instituições públicas e privados de variados perfis. O trabalho foi organizado pelo atuai presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Simon Schwartzman. e pela pesquisadora e professora do Departamento de Ciência Política do Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior (NUPES) da Universidade de São Paulo (USP) Elizabeth Balbachevsky.

Vocação - "Esperávamos encontrar um alto grau de insatisfação na amostra internacional, m as o otimismo inesperado pode ser explicado pela adesão do professor a sua vocação e à valorização dos ganhos subjetivos oferecidos pela profissão”, explica Elizabeth.

Curiosamente, os resultados positivos convivem com a certeza de que a profissão acadêmica perdeu prestígio nas últimas décadas. Tal convicção é mais forte no Brasil, onde 78% dos entrevistados veem o status da posição em declínio. Inglaterra (73%), Coréia (69%) e Japão (66%) vêm logo a seguir.

"A perda de prestígio é um fenômeno internacional provocado pela massificação do ensino superior, comenta a pesquisadora. "No Início dos anos 60, o reconhecimento social de um professor de universidade pública correspondia ao de um Juiz."

Enquanto 63% dos acadêmicos coreanos acreditam figurar entre os mais influentes líderes de opinião, apenas 11% dos ingleses demonstram essa convicção. O Brasil, onde 39% dos profissionais compartilham esse ponto de vista, ocupa o 3º lugar no ranking.

Liderança — Uma explicação possível para esse fenômeno reside no vão que separa a minoria culta da grande massa com baixo nível educacional. "Diante do alto Índice de analfabetismo brasileiro, é natural que pessoas com nível elevado sejam mais respeitadas como líderes de opinião*, acredita o chefe do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Moreira.

O prestígio não se reflete em reconhecimento financeiro. Na maioria dos países, os acadêmicos estão na faixa entre 40 e 60 anos, integram a classe média e recebem salários regulares ou ruins (com exceção da Holanda e de Hong Kong, onde mais da metade dos profissionais considera ter vencimentos bons ou excelentes).

Ao contrário do quadro verificado nos países desenvolvidos, grande parcela dos profissionais da América Latina mantém contratos de tempo pardal com as instituições e estão obrigados a recorrer a atividades extras (como consultorias e prestação de serviço) para aumentar a renda familiar No Brasil e no México, os professores dedicam mais de 10 horas semanais a atividades extra câmpus necessárias à manutenção financeira.

Na hora de ponderar prós e contras, no entanto, os professores valorizam prazeres intrínsecos à atividade como liberdade acadêmica, tempo de trabalho flexível e satisfação com os cursos

ensinados. O retrato positivo captado pela Carnegie Foundation surpreendeu os próprios organizadores. Eles concluíram que os acadêmicos miram o futuro com preocupação, mas com Imprevisto otimismo.

Sabatina Global

- A maioria dos entrevistados se considera feliz com os cursos que ensinam. Os Estados Unidos lideram o ranking com 86% de profissionais satisfeitos. Os brasileiros aparecem em 10* lugar (64%) e os japoneses ocupam a última posição (54%).
- Poucos professores mudariam de profissão caso tivessem uma segunda chance. Em Israel, 85% dos acadêmicos não escolheriam outra profissão. Os brasileiros despontam em 4º lugar entre os mais satisfeitos com a escolha profissional (78%). O Japão ocupa a lanterninha (54%).
- Baixos salários são a reclamação generalizada. Enquanto o Chile apresenta a maior proporção de profissionais insatisfeitos (95%), Hong-Kong aparece no extremo oposto (28%). O Brasil ocupa a 9ª posição (75%).
- Os brasileiros valorizam a afinidade com a instituição onde trabalham em grau superior ao demonstrado pelos colegas estrangeiros. 76% deles consideram muito importante ter uma boa identificação com a universidade, enquanto apenas 8% dos alemães superestimam esse relacionamento.
- O interesse pela pesquisa supera a preferência pelo ensino em todos os países desenvolvidos, com exceção dos Estados Unidos, onde 63% dos professores preferem lecionar. O maior índice de afinidade com a pesquisa aparece na Holanda (76%). Nos países em desenvolvimento, predomina a escolha pelas salas de aula. A Rússia aparece no topo da lista (68%) e o Brasil na quinta posição (62%).
- A pressão para realizar pesquisai além da capacidade individual é mais acentuada no Chile, onde 38% dos profissionais dizem-se coagidos a produzir mais do que poderiam. No Brasil, apenas 13% dos acadêmicos relataram esse sentimento, que só é menos citado na Rússia (12%).

- A publicação de trabalhos científicos funciona como importante critério na seleção de pessoal na maioria dos países, mas no Brasil este parâmetro é pouco utilizado. Apenas 25% dos acadêmicos acreditam que dificilmente uma pessoa assumiria uma posição em um departamento sem divulgar pesquisa. O índice mais alto (81%) aparece em Israel.
- Os académicos acreditam estar entre os mais influentes líderes de opinião A autoestima está em alta na Coréia, onde 63% demonstraram essa convicção. Os brasileiros aparecem em 3* lugar (39%), enquanto os ingleses ocupam o fim da lista (11%)
- O desempenho dos profissionais é regularmente checado em todos os países, segundo os entrevistados. No Brasil, 93% dos professores declaram ser submetidos a avaliação. Os índices mais baixos aparecem na Alemanha (42%) e no Japão (45%).
- A proteção à liberdade acadêmica predomina em Israel, onde 92% dos entrevistados relataram que ela é fortemente resguardada. Os menores índices aparecem no Brasil (38%) e na Rússia (16%).
- ’O Brasil federa o ranking dos países onde o respeito aos acadêmicos está em declínio. 78% dos profissionais acreditam na redução do prestígio da categoria. Na Suécia, essa insatisfação preocupa a 43% dos entrevistados.

Estudo levou em conta perfil heterogêneo do Brasil

Coordenadores do trabalho identificaram três diferentes tipos de instituições. Modelo único de ensino é criticado.

O perfil heterogêneo do sistema de ensino superior no Brasil foi considerado durante a escolha dos profissionais que formariam a amostra nacional. Os coordenadores do trabalho identificaram três diferentes fatias de instituições. No topo da pirâmide, aparecem as universidades de qualidade, com alta proporção de doutores e importantes líderes de pesquisa.

Na segunda camada, despontam instituições públicas menos voltadas ao desenvolvimento da pesquisa. Com alta proporção de professores empregados em tempo integral, elas mantêm poucos doutora com experiência na função de orientadores. O último grupo abriga a maioria das escolas do setor privado, mais dedicadas à formação para o trabalho e pouca tradição acadêmica.

“Não é verdade que o ensino privado seja homogeneamente ruim”. afirma a pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (Nupes) da Universidade de São Paulo (USP) Elizabeth Balbachevsky. Para ela, as entidades particulares buscam a qualidade investindo no campo da formação prática, enquanto o setor público prioriza a pesquisa.

Elizabeth argumenta que perseguir um modelo único de ensino para todo o país é um erro porque as instituições apresentam perfis e demandas diferentes. “Nem sempre a qualidade do ensino depende da pesquisa, que encarece as universidades e perpetua um modelo elitista”, explica. “A USP é um modelo disto, afinal custa 9% do ICMS do Estado mais rico do Brasil e atende só 10% de seus alunos:”, comenta.

Para envolver todos os tipos de organizações no levantamento brasileiro, os coordenadores sortearam acadêmicos de quatro das dez melhores universidades País. Em seguida, selecionaram professores de oito instituições da Região Sudeste (sendo cinco de grande porte e três pequenas). Duas universidades grandes do Nordeste, duas do Sul e duas do Centro-Oeste engrossam a amostra, composta também de pequena instituição nordestina e outra do Sul.

Perfil do professor brasileiro

As principais conclusões reveladas por 1000 profissionais de todo o país

- 30% dos académicos são doutores com dedicação em tempo integral. Apenas essa pequena parcela reúne os requisitos que tradicionalmente definem a profissão académica. Segundo os padrões internacionais, a maioria dos acadêmicos brasileiros não demonstra boa qualificação e teria dificuldades de manter-se em um ambiente competitivo.
- 83% nunca trabalharam em parceria com colega estrangeiro.
- 34% têm pais com escolaridade inferior ou igual à 4ª série primaria.
- 74% não viajaram recentemente ao Exterior para estudo ou pesquisa. Pouco interessados em trocar informações com pesquisadores de outros países, os acadêmicos creem na autossuficiência, uma tendência histórica típica do povo brasileiro.

- 35% são filhos de pessoas com grau universitário A posição universitária representa possibilidade de ascensão social para metade dos acadêmicos. Para a parcela restante, ela significou apenas a perpetuação da posição familiar.
- 40% são mulheres. A proporção feminina nas universidades brasileiras é a maior entre os poises participantes da pesquisa. A parcela surpreendeu os organizadores, já que nos anos 60 as mulheres eram ínfima minoria entre os estudantes de nível superior. Em geral, elas não têm doutorado, trabalham em tempo integral e recebem menores salários.

Pressão para produzir é pouca, dizem os acadêmicos

A cobrança por resultados está longe de ser uma preocupação dos acadêmicos brasileiros. Apenas 13% declararam sentir frequente pressão para produzir mais do que poderiam. Taxas semelhantes apareceram em Israel (13%) e na Rússia (12%). 0a chilenos (38%) lideram o ranking dos submetidos a esse tipo de pressão "No Brasil, as exigências são mínimas e o pesquisador não sofre nenhuma pressão para Ir além do possível", acredita o professor do Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Amir Caldeira. Nos primeiros lugares da lista dos pesquisadores mais produtivos do país, Caldeira acredita que a pressão funciona como um Instrumento saudável quando baseada em critérios para julgar qualidade.

"Deve haver cobrança para que o pesquisador Invista em temas científicos Importantes para o momento e não em elocubrações mentais', acredita. Caldeira discorda do critério de avaliação baseado exclusivamente no volume de orientandos ou no número de trabalhos publicados. 'É melhor formar apenas três bons alunos em vez de dez com teses impublicáveis".

Outro indicativo lastimável apareceu no Item sobre os critérios de seleção dos profissionais. Mais da metade rim acadêmicos brasileiros discorda que que seja difícil assumir um cargo universitário sem publicar trabalhos científicos. índices parecidos aparecem na Coréia (48%) e no México (48%). Na Alemanha, apenas 14% acreditam nisso, assim como 17% doa norte-americanos.

Poucas Instituições brasileiras consideram o valor dos trabalhos publicados no momento da contratação de profissionais. Para Caldeira, apenas as cinco universidades mais conceituadas estariam preocupadas em absorver pessoas com titulação mínima. "No nosso Instituto de Física,

exigimos pós-doutoramento mesmo de profissionais Interessados em ocupar uma posição temporária", conta.

O professor critica a tendência generalizada pela qual os alunos formados pelos pelos departamentos tendem a ocupar um cargo sem passar por processos de seleção "Esse fenômeno de endogenia é um erro porque absorve-se um ex-aluno sem submetê-lo à concorrência com outros profissionais, acredita.

Segundo o relatório da Carnegie, 93% dos académicos brasileiros afirmam ter suas atividades de ensino frequentemente avaliadas, inclusive pelos próprios alunos. Essa média só é superada pelo resultados americanos (67%) e Inglês (64%). Os coordenadores ainda se perguntam qual é o conceito de avaliação conhecido pelos académicos brasileiros, já que raramente eles são submetidos ao olhar crítico de chefes ou estudantes.

Já o desempenho dos alunos foi considerado sofrível em toda a amostra internacional.

De costas para o mundo

Autossuficiência dos acadêmicos brasileiros e o pouco relacionamento com a comunidade internacional chamaram a atenção dos pesquisadores da Carnegie Foundation

Os académicos brasileiros cultivam a autossuficiência e pouco se relacionam com a comunidade internacional. Indesejável em qualquer ambiente de criação intelectual, este sinal chamou a atenção dos pesquisadores da Carnegie Foundation. Apenas 17% dos entrevistados trabalharam com um colega estrangeiro, enquanto 63% deles não viajaram ao exterior para estudo ou pesquisa nos três anos anteriores ao levantamento.

"Com a globalização, o Isolamento dos brasileiros cria um dilema a mais, porque o pesquisador nunca sabe até que ponto o conhecimento que está sendo criado é relevante ou inédito do ponto de vista internacional", comenta a pesquisadora do Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior (Nupes) da Universidade de São Paulo (USP), Elizabeth Balbachevsky.

A professora constata que apenas 8% dos acadêmicos possuem um perfil de ativa Inserção Internacional. Menos de 1% doa artigos divulgados no exterior são de autores brasileiros. "A

maior porte doa publicações científicas brasileiras é escrita unicamente em português, um sinal de nosso baixo grau de Internacionalização", afirma.

Marca — A mania da autossuficiência ultrapassa os muros universitários e aparece como como uma marca de toda a sociedade brasileira, acredita o diretor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP,) Walter Colli. Um dos pesquisadores mais citados no exterior em sua área, Colli contabiliza 87 publicações, 20 com colaboração de colegas estrangeiros.

As demais foram assinadas exclusivamente pelo brasileiro, mas sempre dependeram de alguma interação com grupos de pesquisa de outros países. "É muito difícil fazer ciência sem relacionamento internacional", comenta Colli. "Está na hora de rompermos as barreiras dos Andes e do Atlântico."

Desde que cumpriu seu pós-doutorado em Nova York em 1070, Colli sempre valorizou a troca de informações com pesquisadores do exterior, mas acha que estas ligações poderiam ter sido ainda. mais frequentes. Por isso, não perde tempo. Recentemente realizou palestras na Alemanha, começa a fazer contatos com o Japão para estudos sobre a doença de Chagas e na quarta-feira recebeu estudantes holandeses

Doutores. — Se esse relacionamento parece relativamente comum nas universidades públicas mais conceituadas, ele desaparece em Instituições que valorizam os instrumentos de formação profissional e apresentam menor vocação para a pesquisa. O levantamento da Carnegie revela que só 30% dos profissionais brasileiros são doutores com regime de trabalho de tempo Integral, o que tradicionalmente a profissão académica.

Para os padrões internacionais, muitos acadêmicos brasileiros não dispõem de boa qualificação. Poucos são devidamente treinados para realizar pesquisa e teriam dificuldades de sobreviver em um ambiente competitivo, concluíram os organizadores do trabalho.

Esse detalhe por que as atividades de ensino representam o principal Interesse dos profissionais brasileiros. Com exceção dos profissionais da Universidade de São Paulo, que preferem a pesquisa, a maioria dos professores acredita que eficiência na sala de aula deveria ser o principal critério de promoção nas instituições (C.S.)

Cresce participação das mulheres na área acadêmica

índice de 40% é o maior entre os 14 países que foram estudados por pesquisadores

As mulheres compõem 40% da comunidade acadêmica brasileira, segundo a amostra utilizada no estudo internacional. O índice de participação feminina nas instituições de nível superior do país foi o maior entre os 14 países participantes da pesquisa da Carnegie Foundation. No outro extremo aparecem Japão e Coreia, onde 90% dos profissionais são homens.

A proporção de mulheres entre os acadêmicos brasileiros surpreendeu os organizadores do levantamento porque as estudantes universitárias eram ínfima minoria na cena universitária da década de 60. Na comparação com os homens, o estudo aponta que elas iniciam a carreira profissional dois anos mais cedo, recebem salários menores e dificilmente avançam até o nível de doutorado.

A maior quantidade de acadêmicas encontrada no Brasil pode ser explicada pela característica menos exigente da atividade no país, segundo a coordenadora nacional da pesquisa Elizabeth Balbachevsky, do Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (Nupes) da Universidade de São Paulo (IISP). Pela sua avaliação, uma mulher casada que tenha filhos dificilmente conseguiria cumprir a carga de trabalho imposta por várias instituições estrangeiras.

Frustração — No Brasil, o baixo índice de doutoras pode ser explicado pelas atribuições familiares. Por não ser mãe, a professora do departamento de psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC') de Minas Gerais Maria Ignez Costa Moreira pôde partir para o doutorado três anos apôs a conclusão do mestrado.

“Sei que represento uma minoria, até porque as verbas das instituições de fomento costumam ser aplicadas preferencialmente em universidades públicas", comenta. Para Maria Ignez, atingir esse grau é fundamental na carreira acadêmica. De acordo com a pesquisa da Carnegie, os profissionais que não alcançam o doutorado amargam a frustração da "profissionalização Imperfeita".

Mulheres contratadas por universidades públicas de pequeno porte tendem a acreditar que a liberdade acadêmica não é protegida no Brasil, convicção de 62% de toda a amostragem nacional.

A professora do departamento de História da Universidade Estadual de Londrina Rosimeire Angelini Castro discorda dessa tendência. Segundo ela, os profissionais de sua área têm liberdade para decidir sobre a abordagem e o conteúdo dos programas.

Os alunos também dispõem de assento no colegiado do curso e exercem o direito de voto nas decisões do departamento. "A democratização é praxe no nosso centro, mas acredito que a sensação de falta de liberdade seja comum em escolas onde o professor é obrigado a cumprir programa e métodos pré-determinados", explica. (C.S.)